

RELAÇÕES INTERPESSOAIS: UM CAMINHO PARA CONSTRUIR O RESPEITO NA ESCOLA

Anna Claudia Chagas de Araújo; Rita de Cássia Ângelo da Silva; Thaísa Salustino de Sena; Joseane Maria Araújo de Medeiros

*Centro Universitário Facex – UNIFACEX
Secretaria Municipal de Educação do RN
Claulure2@gmail.com*

Resumo: O estudo é fruto de reflexões desenvolvidas no projeto vinculado ao Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) UNIFACEX de Pedagogia. O PIBID tem como finalidade promover aos discentes das licenciaturas uma formação teórica articulada à prática pedagógica. A investigação envolveu as turmas dos 4ºs e 5ºs anos de uma escola pública, situada em um bairro de classe média, na cidade de Natal/RN. Neste trabalho estaremos apresentando um recorte do estudo realizado com os 5ºs anos. No total participaram 57 alunos da escola e duas professoras. O objetivo desta pesquisa foi investigar a contribuição dos jogos nas relações interpessoais. A escola foi escolhida pela localização e acolhimento do corpo docente. A pesquisa aconteceu durante o ano letivo. Investigamos inicialmente as professoras sobre o problema recorrente nas turmas. Elas colocaram em entrevista, com perguntas semiestruturadas, sobre o problema do relacionamento interpessoal, pois havia situações de ofensas de ordem física e psíquica. Também apresentaram algumas suposições que justificavam o comportamento inadequado dos alunos. O procedimento metodológico desta pesquisa qualitativa, fundamentada nos pressupostos da pesquisa-ação, se constituiu com ênfase no objetivo e na natureza do projeto do PIBID. Segundo as professoras, nos últimos anos tinha aumentado a indisciplina e o desrespeito dos alunos para com os adultos e seus pares. Elas apontaram esta questão como um dos problemas da regência em sala de aula. Com base nos registros do diário de campo, observou-se a possibilidade de trabalhar em grupos com jogos, considerando uma estratégia pedagógica lúdica que permite abordar conceitos, posturas, estabelecer regras e promover desafios coletivos que podem interferir em mudança de comportamento nas relações interpessoais. Alguns autores como, Macedo (2005), Lopes (2001), Araújo (1992), Piaget (1978) fundamentaram nosso estudo. Vimos na intervenção da pesquisa-ação que o uso de jogos é uma das estratégias que possibilita a construção do respeito nas relações interpessoais, tornando o ambiente de sala de aula mais propício à cooperação e a aprendizagem. Os educadores reconheceram a importância de inserir no planejamento os jogos na construção do respeito, pois uma sala de aula marcada por agressões físicas, morais e psíquicas possui fragilidades no processo de aprendizagem. Portanto, o Saber Conviver, um dos pilares da educação do século XXI, deve se tornar uma prioridade na educação de qualidade, pois a sala de aula é o primeiro espaço de aprendizagem do exercício democrático e da construção das relações interpessoais.

Palavras-chave: jogos, respeito, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

No trabalho abordaremos a investigação sobre a contribuição dos jogos na construção da relação interpessoal dos alunos dos 5ºs anos. Também apresentaremos a importância do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID na formação dos bolsistas de Pedagogia, pois possibilitou uma experiência sobre a prática da docência de relevância. O estudo foi realizado em uma escola pública, localizada na cidade de Natal/RN, envolvendo alunos e professoras dos quintos anos, no período de um ano. Apresentaremos algumas reflexões em relação à indisciplina e o desrespeito sinalizados pelos docentes como significativo problema da regência em sala de aula.

Nos dias atuais a indisciplina provocada por várias questões tem desestruturado o trabalho pedagógico e, segundo as professoras, é uma das razões que explica o baixo rendimento dos alunos. A turma ainda estava consolidando seu processo de alfabetização e letramento. Este problema pareceu frustrante a profissão, pois na formação de professores ainda se discute a questão da indisciplina distante da realidade de sala de aula, numa perspectiva acadêmica e em uma prática mais preocupada com o cumprimento de conteúdos científicos, desprezando as emergenciais necessidades da construção moral e emocional dos alunos.

Os professores, na entrevista semiestruturada, justificaram o comportamento indevido dos seus alunos, apresentando suas suposições, mas não sinalizaram nenhum caminho para mudança de comportamento dos alunos. O desafio dos bolsistas diante desta realidade foi justamente pensar, planejar e intervir no processo de desenvolvimento dos alunos não apenas no cerne das habilidades para leitura e o letramento, mas no que requeria a construção de uma relação interpessoal “saudável”; considerando ser fundamental no ambiente de aprendizagem.

O desrespeito entre os alunos e com os professores são consequências de algumas suposições que as entrevistadas colocaram, tais como: a falta de apoio e diálogo familiar; a presença de uso de drogas na família; a desvalorização da função da escola e dos seus profissionais; a influência da mídia; entre outros. Conhecer a causa é interessante quando se pensa em contribuir no processo de mudança, mas não podemos nos limitar a entender o fenômeno sem uma perspectiva preventiva e formativa. Afinal, os alunos dos 5ºs anos são crianças e pré-adolescentes que se encontram em processo de desenvolvimento.

A princípio questões norteadoras foram elencadas para subsidiar o processo de investigação e intervenção. Fundamentações teóricas ancoraram o fazer pedagógico reflexivo e formativo; além

de outras que sustentaram a perspectiva da pesquisa-ação, possibilitando tornar a experiência proporcionada pelo PIBID em uma pesquisa consistente e coerente.

METODOLOGIA

A investigação contou com um estudo de cunho qualitativo, considerando que o foco da reflexão não se ampara em dados qualitativos. Segundo Minayo (2001) na pesquisa qualitativa enfatizamos os significados na busca da compreensão de um fenômeno. A pesquisa-ação foi escolhida pela condição de investigar e interferir no processo, pois segundo Brown e Dowling (2001, p.152) ela se “aplica a projetos em que os práticos buscam efetuar transformações em suas próprias práticas”. Também nos fundamentamos em Fonseca (2002, p. 34) para justificar nosso procedimento de investigação, pois

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa.

O nosso objetivo no estudo foi investigar a contribuição dos jogos nas relações interpessoais, entendendo que a convivência conflitiva na sala de aula apresentava-se como um problema que dificultava o trabalho pedagógico e, conseqüentemente comprometia o rendimento das turmas. Com base nessa finalidade identificamos a pesquisa-ação como mais adequada ao estudo, buscando responder o “como” pelo ciclo reflexão e ação, intervindo no processo de mudança ou de melhorias para as turmas envolvidas na pesquisa.

Segundo Thiollent (1985, p. 14)

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Assim sendo, os bolsistas participaram intensivamente do processo de investigação, observando, problematizando, refletindo, planejando e intervindo de forma significativa. Durante esses movimentos cíclicos fundamentais. Vale ressaltar que, não se deve

colocar a reflexão como uma fase distinta no ciclo da investigação-ação é que ela deve ocorrer durante todo o ciclo. O processo começa com reflexão sobre a prática comum a fim de identificar o que melhorar. A reflexão também é essencial para o planejamento eficaz,

implementação e monitoramento, e o ciclo termina com uma reflexão sobre o que sucedeu (TRIPP, 2005, p. 454).

No início do estudo aderimos à entrevista semiestruturada com os professores, para obter mais informações sobre as necessidades das turmas. As professoras colocaram como principal causador de problema na prática pedagógica os conflitos dos alunos nas relações cotidianas, pois era presente parar a aula para resolver as atitudes agressivas e ofensivas dos alunos. O trabalho desenvolvido com os bolsistas foi sustentado pela a revisão bibliográfica, pelas intervenções conscientes e planejadas.

As ações de intervenção registradas em um diário de campo nos permitiram compreender melhor o comportamento individualizado e arredo dos alunos na formação de grupos. Participaram do projeto 57 alunos e professoras dos quintos anos, que voluntariamente foram sujeitos e colaboradores do processo. Eles estão matriculados em uma escola pública de um bairro de classe média e a maioria não reside no local, sendo oriundos da periferia, considerados de risco e distantes da escola. O transporte escolar fica na responsabilidade diariamente fazer o percurso.

A observação também foi utilizada como recurso de investigação para subsidiar nossas reflexões. Nas turmas os alunos se apresentaram agitados e fechados em subgrupos. Existiam condutas de hostilidade entre esses subgrupos, colocadas em atitudes e falas provocativas. Também, alguns alunos se mostraram agressivo e resistente em sentar próximo de alguns colegas. Uma pesquisa que envolva toda turma torna-se importante devido à necessidade de mudança desses comportamentos.

Para entender o fenômeno da discórdia/violência, entre os alunos, refletimos sobre as respostas das professoras através da análise do conteúdo, segundo Bardin (2009). E as observações e anotações no diário de campo também serviram de complemento na busca dos significados obtidos na investigação, seguindo os três polos defendidos pela autora: “a pré-análise; a exploração do material; e, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação” (BARDIN, 2009, p.121).

Questionamos com as professoras as razões do comportamento agressivo nas relações interpessoais, a saber: Quais os motivos do comportamento provocativo e desrespeitoso apresentado pelos alunos? Este comportamento inadequado é incentivador de violência na sala de aula? O que se pode fazer para dirimir esse comportamento antissocial? O que fazer para contribuir nas relações interpessoais saudáveis?

Entender o que se passa entre os alunos para buscar construir um ambiente favorável ao aprendizado torna-se um desafio necessário a ser enfrentado na pesquisa, tendo em vista que as turmas estavam com fragilidades na alfabetização e no letramento; domínio que já deveria ter sido

alcançado em um quinto ano. Segundo Rogers (1985, p.131) quando o professor compreende “as reações do estudante, tem uma consciência sensível da maneira pela qual o processo de educação e aprendizagem se apresenta ao estudante, então, mais uma vez aumentam as probabilidades de uma aprendizagem significativa”. Assim sendo, buscar compreender o que se passa entre eles é importante; afinal, “quando se estabelece o respeito não se desfoca do objetivo da aula e menos o professor ‘apaga incêndios’ e se promove aprendizagem” (justificativa da professora 1 ao se referir da dificuldade da regência de sala de aula).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Spósito (2001), a agressividade/violência na escola manifesta-se com várias faces dos mecanismos da indisciplina e da transgressão às regras e normas institucionais frequentes no ambiente escolar. Em matérias sobre o assunto é posto que essa realidade atemoriza professores, pais e demais sujeitos ligados à educação que não sabem lidar com essa problemática.

Em sua complexidade a indisciplina afeta todos os sujeitos que estão inseridos no contexto da sala de aula. Por esta razão, quando numa escola há acentuada indisciplina os resultados, geralmente, no rendimento são refletidos, pois os momentos destinados ao aprendizado são substituídos pela busca de resolver os conflitos. Para alguns educadores a melhor conduta é ignorar e seguir em frente com o planejado. Porém, na entrevista as professoras mencionaram sobre a impossibilidade de seguir sem parar a aula e acalmar o conflito entre eles.

Observamos que a sala de aula está dividida em territórios invisivelmente demarcados. Os alunos que sentam próximos se comunicam entre si moram no mesmo bairro. Alguns que possuem resistência do diálogo e se provocam moram no mesmo local, mas há rivalidade advinda do contexto social a qual se pertence. Assim, “os espinhos” imaginários são as causas das agressões físicas, psíquicas e morais. Na realidade notamos que alguns alunos nem tem consciência do motivo de seu incomodo com o outro, questão que nos chama atenção, pois representa uma prática social sem uma justa causa aparente.

Para Abramovay e Rua (2002), a escola é um lugar de convívio, interação, de formação educativa e de aquisição de conhecimento. Desse modo, a presença de atitudes de violência na escola é preocupante, por colocar em risco sua função. Ignorar o problema não é o caminho mais adequado. As referidas autoras, dizem que vários são os aspectos característicos da violência nas escolas, dentre eles estão às questões de gênero, relações raciais, situações familiares, influências,

espaço social, idade e escolaridade dos alunos, e, até o comportamento dos professores em relação aos alunos.

Dentre muitos motivos que acarretam a intolerância, nas turmas pesquisadas, podemos considerar a transformação da sociedade. As famílias não são mais formadas partindo do modelo tradicional, ou seja, os papéis de pai, de mãe muitas das vezes são substituídos por tios, avós, e certamente, essa desestrutura familiar influencia fortemente para a formação da criança. Outro motivo é que no atual mundo globalizado, valores familiares empregados na vida de muitas crianças são substituídos por bens materiais, deixando de lado a afetividade e o convívio humano, uma vez, que são fatores determinantes para a construção moral e social do ser.

Diante dessas reflexões e resultados obtidos vimos à necessidade de articular na pesquisa estratégias lúdicas de intervenção com jogos de cooperação, desafios e de conteúdos, considerando sua adequação aos alunos dos quinto anos e as fragilidades no domínio da leitura e escrita.

A intervenção foi realizada pelos bolsistas do PIBID em duas turmas dos quintos anos, tendo em torno de 30 por cento alunos sem o domínio da leitura e da escrita. A insegurança em relação a esta questão também se concentra nas resistências de trabalho em grupo, como uma forma de esconder aquilo que não sabe ou mesmo como resultado de atitude preconceituosa por parte de alguns colegas, que não quer trabalhar com ele.

A esse respeito, nos embasamentos teóricos que abordam a importância do jogo, dentre eles, Piaget (1978, p.28) nos revelando que:

Os jogos educacionais se caracterizam por ter duas funções, fixar e ou melhorar a fixação dos conteúdos em estudo e ajudar no equilíbrio emocional da criança. Como citado anteriormente a questão emocional está ligada aos problemas relacionados com o aprendizado, o jogo pode suprir essas necessidades.

Dentre as alternativas, usamos jogos cooperativos e trabalhamos também a colaboração e o respeito, oportunizando trazer a discussão em sala sobre os sentimentos dos adjetivos ofensivos colocados por alguns da turma. O momento foi muito significativo, muitos se colocaram após o jogo sobre os sentimentos de raiva do colega pelos apelidos preconceituosos e pela presença de bullying no contexto escolar.

A oportunidade direcionou outro propósito, contribuindo para a conscientização da diversidade humana, abordando o respeito mútuo entre os pares e a aceitação do outro com sua subjetividade, sua identidade e características específicas. Desse modo, os conhecimentos sobre a



moral e a ética se tornaram uma realidade prática através do jogo aplicado, pois abriu espaço para esse diálogo. Nesta perspectiva Lopes (2001, p.36) defende que

O jogo para a criança é o exercício, é a preparação para a vida adulta. A criança aprende brincando, é o exercício que a faz desenvolver suas potencialidades e habilidades (...) incorpora valores, conceitos, conteúdos, trabalha a ansiedade, rever os limites, reduz a autopercepção de realização, desenvolve a autonomia, a criatividade, aprimora a coordenação motora, desenvolve a organização espacial, melhora o controle, amplia o raciocínio lógico, aumenta a atenção e concentração, ensina a ganhar e a perder.

Em cada jogo promovemos a reflexão sobre as regras, como princípio do seu funcionamento e do respeito também para com os colegas. A oportunidade desse trabalho também permitiu a conscientização da necessidade de estabelecer um relacionamento com todos, evitando os subgrupos comunicáveis em sala de aula. Este era um dos pontos observados durante a nossa participação em sala de aula e colocado pelas professoras nas entrevistas.

Os alunos mais resistentes em participar dos rodízios em grupo, terminaram cedendo as regras que colocamos propositalmente no processo de intervenção. Algumas crianças não sentavam próximas, pois demonstravam aversão ao colega por alguns comportamentos preconceituosos.

Figura 1 – Jogo de interação e alfabetização



Fonte: as autoras

Os jogos foram à estratégia de intervenção para o alcance do objetivo da pesquisa-ação, correspondendo com as peculiaridades de cada realidade. Para Macedo (2005), a intervenção pedagógica por meio de jogos deve ser transformada em material de ensino e pesquisa para o professor e, para o aluno aprendizagem de conhecimentos (científicos e morais).

Também conforme Lopes (2001, p.23)

É muito mais eficiente aprender por meio de jogos e, isso é válido para todas as idades, desde o maternal até a fase adulta. O jogo em si, possui componentes do cotidiano e o envolvimento desperta o interesse do aprendiz, que se torna sujeito ativo do processo, e a confecção dos próprios jogos é ainda muito mais emocionante do que apenas jogar.

Na utilização dos jogos trabalhamos as regras e observamos o comportamento dos alunos. A cada final de jogo o momento da conversa foi assegurado, provocando os alunos com questionamentos que permitiram a reflexão sobre suas atitudes. As falas deles registradas no diário de campo nos possibilitou entender e intervir no diálogo. Os sentimentos em relação às perdas se tornaram foco de valor para os alunos que anteriormente se importavam mais com as relações interpessoais, ou seja, com a presença de um colega que hostilizava.

Alguns alunos se colocavam na condição de menos inteligente, alegando ter menos capacidade de aprender. Estes sentimentos de autoestima baixa impediam o desenvolvimento do aluno, pois não acreditava na sua condição de aprendizagem.

O jogo dramático foi também planejado como estratégia de contribuição das relações interpessoais. Nele provocamos o trabalho com toda a turma em prol de um único objetivo: apresentar a história escolhida. A princípio algumas resistências, mas o foco no objetivo foi trabalhado e toda turma se empenhou na realização desse jogo. Mais uma oportunidade de trabalhar o preconceito e o bullying nas relações interpessoais.

Figura 2 – Culminância do Projeto



Fonte: as autoras

O momento reafirmou uma das suposições apresentadas no início da pesquisa: a indisciplina é resultado de um comportamento construído. Ele pode ser modificado por ações educativas, que permitam implicar a sensibilização dos alunos. Por isto, é fundamental o envolvimento do professor no processo.

Ao final, percebemos a evolução das crianças no trato com os colegas. As situações corriqueiras de indisciplina em razão dos conflitos entre eles se transformaram em boa convivência e palavras respeitadas passaram a fazer parte do dia-a-dia de sala de aula. É fato, que o investimento contínuo das professoras contribuiu para essa conquista.

É importante mencionar que essas atividades apresentadas são recortes de vários momentos que foram desenvolvidos no decorrer de um ano letivo. O diagnóstico de turmas com problemas de relacionamento, ou seja, de resistência em trabalhar em grupo pelas provocações desrespeitosas e preconceituosas foram superadas pelo trabalho insistente de construção de sensibilidade apoiado pelas professoras de sala que reconheceram a importância de intervir, dando abertura aos bolsistas nessa finalidade.

CONCLUSÃO

Na pesquisa compreendemos que o uso de jogos como estratégia para diminuir os conflitos interpessoais em sala de aula pode ser uma aliada ferramenta ao trabalho pedagógico do professor. Nas intervenções observamos que foi crescente a responsabilidade o envolvimento dos alunos nas aulas e suas respostas em relação ao entendimento sobre a necessidade de respeitar o outro.

No final da investigação os educadores reconheceram que é flexibilizar o planejamento em detrimento não apenas do conteúdo a ser ministrado na turma, mas oportunizar ações que valorizem e proporcione as mudanças de comportamento, através do desenvolvimento no campo das relações interpessoais. Ademais, fazer com que essas aprendizagens sejam úteis para a criticidade e a formação enquanto cidadão no respeito às diferenças.

A intervenção realizada mostrou que algumas atividades individuais são excelentes, mas os docentes para dirimir questões de intolerância devem priorizar aquelas atividades que transforme a turma mais cooperativa. Segundo as professoras e bolsistas, a contribuição do PIBID com as propostas interventivas para subtrair a intolerância foram alcançadas.

Em análise do conteúdo destacamos também as falas das professoras que se tornaram referência para as bolsistas em formação. A relevância da contribuição da pesquisa-ação nesse processo foi imensurável, permitindo aos professores regentes e bolsistas uma percepção diferenciada sobre o fazer o pedagógico e a importância de se trabalhar as relações interpessoais para assegurar um ambiente de aprendizagem.

A sala de aula não deve ser hostil, mas sim acolhedor da dor, da insegurança, da diferença e promover de superações e conquistas. A criança precisa se sentir motivada a ter desejo de aprender. A sua experiência com as pessoas (colegas e professoras) faz a diferença no seu trajeto de busca.

Portanto, os desafios da regência são constantes ao professor e não existe uma proposta pedagógica única a ser realizada, mas quando se tem a consciência de que o ensino envolve conhecimentos teóricos e práticos, podemos afirmar que a desarticulação deles não promove aprendizagem. Como também, não se desenvolve apenas a cognição no ambiente escolar, as questões sócias afetivas estão presentes em todo o momento, devendo ser educadas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: LDA, 2009.
- BROWN, A. J.; DOWLING, P. C. **Doing research/Reading research: a mode of interrogation for education**. London: RoutledgeFalmer, 1998.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- LOPES, Maria da Gloria. **Jogos na Educação: criar, fazer e jogar**, 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.23.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ROGERS, Carl R. **Liberdade de aprender em nossa década**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- SPOSITO, M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.27, n.1, p.87-104, 2001.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 31, n.3, p. 443-446, set./dez.2005, Disponível em: <http://w0ww.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2017.